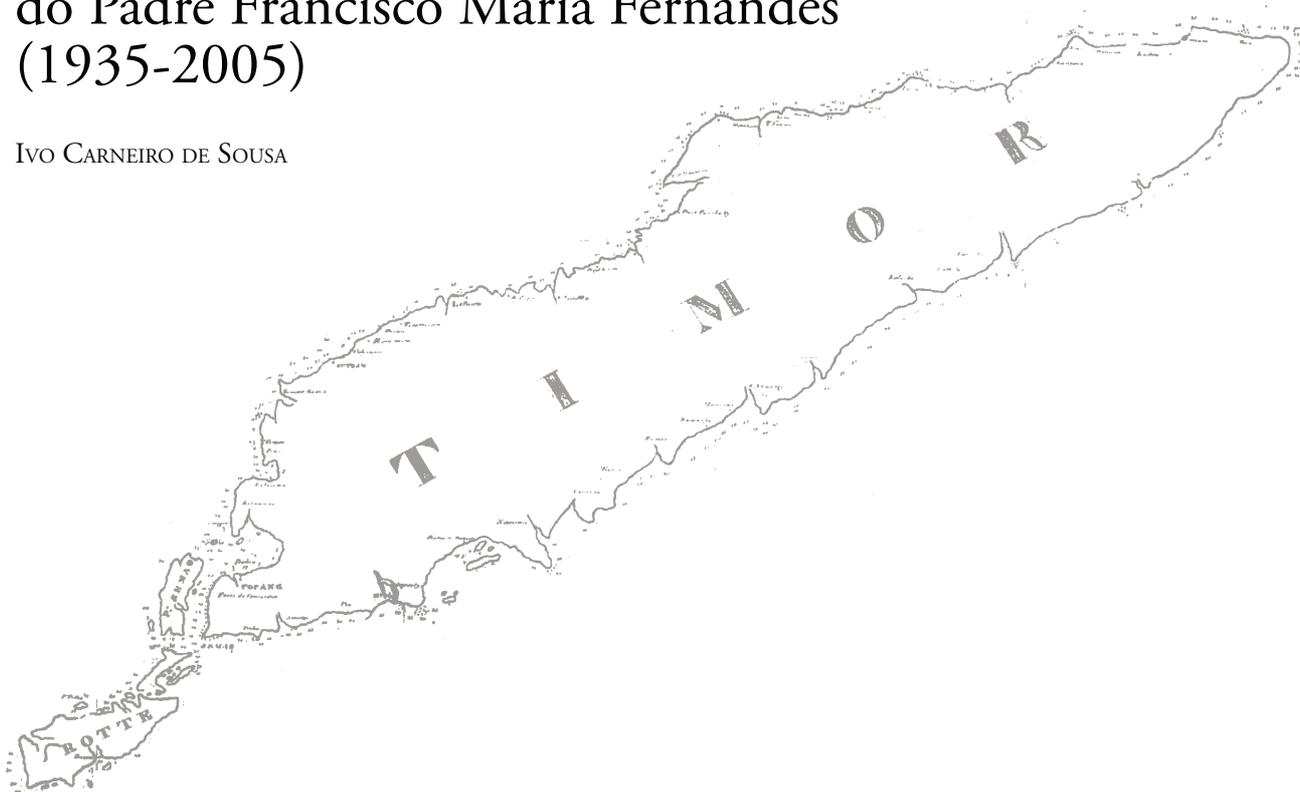


Memórias e Estudos Inacabados do Padre Francisco Maria Fernandes (1935-2005)

IVO CARNEIRO DE SOUSA



O Pe. Francisco Fernandes foi um desses vultos quase heróicos de timorenses em que uma vida cheia se confundia com a própria história do complicado processo concluído em 2001 com a restauração da independência de Timor-Leste. Francisco Maria Fernandes nasceu em Lacló, próximo de Manatuto, em 1935, mantendo uma longínqua memória dos seus parentes, sublinhando a posição social elevada de sua mãe, de família *dato*, e referindo com orgulho que seu pai havia sido *liurai* em Clacuc. A sua memória de acontecimentos infantis era escassa, frequentava alguns episódios da ocupação japonesa de Timor, provavelmente mais ouvidos do que vividos, transformando-se em eventos, situações, ditos muitos e nostalgia abundante quando começava a recordar a sua entrada no Colégio jesuíta de Beato Nuno Álvares Pereira, em Soibada. Rememorava também com elevação a sua opção apenas com 13 anos pelo Seminário de Nossa Senhora de Fátima encetando empenhadamente o caminho da aprendizagem do futuro sacerdócio. Em 1963 foi ordenado, começando

uma importante actividade docente que o levaria mesmo a dirigir o próprio colégio de Soibada. Apanhado no turbilhão político aberto na parte oriental de Timor pela Revolução democrática do 25 de Abril de 1974, o padre Fernandes haveria de sofrer as consequências dessa guerra civil que, opondo os principais partidos timorenses, concorreria a par com muitos outros factores também geo-estratégicos e políticos internacionais para a brutal invasão indonésia nos finais de 1975. Encontramos nesta altura o nosso sacerdote a coordenar um largo conjunto de milhares de refugiados timorenses em Atambua, cidade do Timor indonésio, conseguindo mobilizar ao longo de quase nove meses a assistência e a difícil atenção internacionais que permitiriam a sua repatriação para Portugal, depois concretizando esse episódio pouco edificante do Vale do Jamor em que o Pe. Francisco Fernandes se notabilizou pelo apoio e interesse por estes quase esquecidos refugiados do muito esquecido “problema de Timor”. Descobre-se o Pe. Fernandes a dirigir uma Comissão de Refugiados de Timor que associaria o

apoio aos refugiados timorenses em Portugal a uma primeira campanha importante junto de organismos internacionais e países europeus de denúncia da situação política de Timor-Leste. A seguir, o nosso activo padre acompanha muitos desses refugiados do Jamor em direcção à Austrália, tornando-se capelão para a comunidade timorense que foi reconstruindo as suas vidas em Perth. Em território australiano, o Pe. Fernandes foi colaborando em muitas iniciativas de solidariedade com Timor-Leste contribuindo para que o problema não fosse definitivamente esquecido nas relações políticas internacionais. A convite do bispo de Macau, D. Arquimínio da Costa, seu antigo mestre do colégio de Soibada, o Pe. Fernandes em 1989 instala-se em Macau, para ficar. Rapidamente se torna o centro da comunidade timorense no território, congregando refugiados, estudantes e mesmo “chineses timorenses”, como designava essas famílias que dominavam o comércio de Díli e de outras cidades do Timor colonial, depois regressando ou refugiando-se em Macau desde 1975. Viria a dirigir a Associação Rai Timor, a coordenar campanhas de solidariedade, a apoiar estudantes, a defender o clero e a Igreja Católica de Timor, multiplicando-se por um sem número de actividades religiosas, políticas, sociais e culturais em que a defesa da dignidade da sua terra natal quase totalizava a sua agitada e generosa vida.

Nos últimos cinco anos fui-me encontrando regularmente com o Pe. Francisco Fernandes sempre que me deslocava para leccionar e investigar em Macau. Entre jantares em casa da Dra. Leonor Seabra e, sobretudo, excessivos almoços domingueiros no restaurante Afonso III, o Pe. Fernandes foi-me falando do seu interesse em deixar obras escritas sobre Timor que alargassem o seu estudo sobre o padre Medeiros, realizado em sede de tese de Mestrado defendida com brilho na Universidade de Macau (Francisco Maria Fernandes, *D. António Joaquim de Medeiros (Bispo de Macau) e as Missões de Timor. 1884-1897*. Macau: Universidade de Macau, 2000). Começou por me falar de um muito vago projecto de doutoramento em torno da história da Igreja de Timor que rapidamente abandonou face às pressões do trabalho e ao debutar de preocupante doença. Foi talvez a progressiva precarização da sua saúde que mais mobilizou o padre Fernandes para um projecto de reunir as suas memórias, estudos e apontamentos acumulados sobre Timor. Recebi há mais de dois anos com a intermediação

empenhada da Dra. Leonor Seabra um primeiro texto, já dactilografado, em que o Pe. Fernandes apresentava uma primeira parte ou ensaio dessas memórias.

O texto tinha sido nitidamente escrito como uma sorte de testamento quase político. As memórias eram raras em lembranças infantis, rememoravam também escassamente a sua passagem pelo Seminário de Soibada, apesar de alguns episódios relevantes, prontamente se interessando pela história política de Timor-Leste desde 1974. Assim, o padre Fernandes revisitava criticamente o impacto quase estranho da Revolução do 25 de Abril em Timor, o regresso de vários estudantes timorenses mais do que politizados da “metrópole” e a formação dos partidos políticos com a sua profunda agitação. As suas memórias concentravam-se depois, mais do que demoradamente, nos episódios que conduziram à guerra civil entre a UDT e a FRETILIN, abundando as recordações críticas sobre eventos mais dramáticos como a morte de Maggiolo Gouveia, o papel do MFA no território, a acção do governador enviado de Lisboa, sublinhando também a sua longa fixação quase refúgio em Ainaro que o obrigou a abraçar culturas e línguas dos mambai. Depois, a parte mais longa e pormenorizada deste primeiro ensaio de memórias centrava-se no seu exílio juntamente com milhares de timorenses e alguns soldados portugueses em Atambua, esperando ao longo de 1976 ajuda e acolhimento internacionais. Esta época entranhou-se profundamente nos lugares da memória do Pe. Fernandes, mas pode ser panoramicamente visitada no estudo que a Dra. Lisete Lumen Pereira dedica nesta revista à memória dos timorenses de Macau. As recordações do Pe. Xico incluíam ainda apontamentos dispersos, mas profundamente críticos, sobre a situação política actual do jovem país independente, desde considerações sobre a bandeira nacional adoptada oficialmente até ideias avulsas para um bom governo da República Democrática de Timor-Leste. Alguns destes temas retomavam, aliás, polémicas e intervenções feitas em conferências, entrevistas e apontamentos de jornal que, mais conhecidos e públicos, recordam tanto a irreverência política como a generosidade intelectual do Pe. Francisco Maria Fernandes.

Depois de ler e anotar cuidadosamente estes primeiros apontamentos das suas memórias, pedi ao Pe. Francisco para tentar desenvolver dois temas que se afluavam importantes e originais na sua espontânea escrita: as memórias do Colégio de Soibada e,

RELAÇÕES HISTÓRICAS MACAU – TIMOR-LESTE

sobretudo, os apontamentos que havia recolhido sobre as culturas mambai que nem sequer constituíam a sua “cultura natal”. Em Macau, o nosso padre entregou-me depois um texto sobre o Colégio do Beato Nuno Álvares que, em rigor, era mais um projecto de tentar programar vagas comemorações de uma instituição que tinha começado a funcionar desde 1898, mas que se subsumiu em complicadas dissoluções, restaurações e renascimentos. Ficou-me, de qualquer forma, desse texto e das impressões trocadas uma quase anedota sobre a muita autoritária firmeza no ensino da Língua Portuguesa que, segundo o Pe. Fernandes, se aprendia à “martelada e reguada”. O aluno do colégio ganhava uma nova identidade simbólica à custa da primeira asneira que dissesse na aula de Português. Assim, um jovem companheiro do Pe. Xico – ou seria o padre ele próprio? – foi interrogado sobre o feminino de cavalo. Respondeu célere: “cavalo-mulher”. Mais importantes foram os papéis que me entregou depois de lauto almoço sobre genericamente o que designava por “cultura mambai”, associando apontamentos pessoais, notas e manuscritos de colegas missionários e sacerdotes que haviam trabalhado nesse triângulo denso entre Same, Ainaro e Ailéu. Pedi-lhe, então, para prosseguir na escrita das suas memórias, mas explorando mais densamente esses dois temas das recordações do Colégio jesuíta e do interesse pelas tradições, costumes e língua dos mambai. Dei-lhe sugestões, sugeri leituras e insinuei algumas correcções, planos e organização temática.

Parece que o Pe. Francisco terá conseguido, pouco antes da sua morte, praticamente acabar as suas memórias. Não conheço ainda esse texto que espero poder vir a ajudar a publicar. Chegaram-me apenas até agora três trabalhos inacabados pelo seu esforço memorial: o primeiro texto de Memórias já mais corrigido, um breve sumário da história do Colégio do Beato Nuno Álvares Pereira de Soibada e apontamentos especialmente interessantes que vinham intitulados “A cultura mambai”. Depois de ponderar novamente o interesse intelectual de todos estes textos, entendi propor à *Revista de Cultura* a publicação dos muito importantes apontamentos do nosso Pe. Xico sobre os mambai. Trata-se de notas originais, já organizadas, anotadas e com um certo ordenamento textual. Aqui e ali existem notas manuscritas indicando um texto a aguardar críticas e renovadas sugestões. No coração destes apontamentos encontra-se um

profundo interesse pela religião tradicional das populações mambai e, mais relevante ainda, uma extensa recolha e ordenamento de vocabulário. Trata-se de uma contribuição antropológica, histórica e linguística da mais alta importância para o património cultural de Timor-Leste. Estas muitas palavras mambai, organizadas tematicamente de forma tão inteligente como original, foram reunidas a partir da língua e cultura locais e não a partir de um dicionário exterior, procurando a partir do português significados em mambai. Rigorosamente, mais do que palavras soltas, mais mesmo do que uma “biblioteca” é toda uma cultura complexa cultura plurissecular que se desvenda nestas dezenas de vocábulos. O Pe. Francisco Fernandes não era um antropólogo e, muito menos, um linguista. Era um homem generoso, solidário e especialmente culto e informado da história e culturas timorenses. Tinha uma qualificada formação de historiador e falava com fluência de muitos temas filosóficos. Conhecia também os grandes textos científicos sobre Timor, reconhecendo os principais títulos e contribuições sobre a sua antropologia. Esta formação nem sempre se reflecte nestes apontamentos em produção, mas a sua importância e originalidade são mais do que suficientes para justificar esta publicação inacabada, que é talvez a melhor forma de homenagear também o seu empenho na preservação das culturas timorenses. Por isso, optou-se por intervir o menos possível nos apontamentos organizados pelo Pe. Fernandes, respeitando-se as suas opções na fixação gráfica e, possivelmente, fonética dessas muitas palavras da “cultura mambai”, seguindo-se também a sua interessante tipologia no ordenamento deste léxico. O trabalho chegou-me devidamente organizado e com a introdução que lhe tinha solicitado. Os seus apontamentos manuscritos, sublinhados e interrogações, sinal de mobilização de mais trabalho e atenção por estes apontamentos, mantiveram-se em notas de pé de página que, por aqui e ali, ajudam a comentar uma das derradeiras investigações do padre Fernandes para a preservação da cultura do “seu” Timor. **RC**

Nota do editor: Ao título “A cultura mambai”, foi acrescentado no texto dactilografado, à mão e a vermelho, “religião e esoterismo”. É possível que esta espécie de subtítulo correspondesse ao projecto mais especializado que o nosso autor queria dirigir para este tema, optando não tanto por um estudo geral da cultura mambai, mas antes pela investigação dos seus aspectos religiosos tradicionais.